

SUMÁRIO

Prefácio	7
Introdução	9
CAPÍTULO 1	
Um pregador improvável.....	17
CAPÍTULO 2	
Com Jonas no barco tudo vai muito mal.....	23
CAPÍTULO 3	
Do ventre do peixe.....	39
CAPÍTULO 4	
O maior avivamento do mundo	53
CAPÍTULO 5	
A ira do homem e a misericórdia de Deus	69
Considerações finais	83

PREFÁCIO

O livro de Jonas está cheio de histórias preciosas, além da narrativa acerca de um homem que ficou três dias na barriga de um peixe. Ao longo de seus quatro breves capítulos, encontramos a história do profeta hebreu Jonas, um homem que temia a Deus, mas tinha dificuldades em perdoar aos temíveis assírios, inimigos de seu povo. Mais do que isso, temos no livro uma história sobre Deus levando esse homem a anunciar o arrependimento e o perdão a seus próprios inimigos, o que mostra como Deus está disposto a perdoar os que se arrependem e creem. O livro de Jonas trata de Deus, de seu poder, de sua soberania sobre a criação e as circunstâncias, de sua misericórdia e de seu perdão.

Fiz uma exposição acerca de Jonas em um retiro de jovens da Primeira Igreja Presbiteriana de Goiânia, a qual serviu de base para a obra que o leitor tem agora em mãos. Ao redigir esta obra, procurei levar em consideração o caráter histórico do livro de Jonas, seu propósito teológico e as muitas maneiras pelas quais ele se aplica à nossa vida hoje.

Uma dessas maneiras, sem dúvida, é a lição acerca do amor soberano e salvador de Deus para com os povos. Esse livro do Antigo Testamento antecipa a conversão dos gentios e a entrada deles no povo de Deus. O grande

avivamento espiritual que aconteceu em Nínive é um prelúdio do que Deus um dia haveria de fazer, chamando pessoas de todas as tribos, línguas e nações para serem parte de seu povo redimido, a igreja de Jesus Cristo.

Vivemos hoje, no Brasil, dias de grande oportunidade para a pregação do evangelho. Cresce o número de pessoas que estão sendo atraídas à fé bíblica. Milhares de jovens agora buscam conhecer mais o Deus da Bíblia — o Deus de Jonas. Vemos na história desse “profeta fujão” que Deus pode ter compaixão mesmo das cidades mais cruéis e ímpias, como era o caso de Nínive. Isso nos dá esperança nesses dias difíceis no Brasil.

Minha expectativa é que esse comentário devocional e homilético sobre Jonas seja usado por Deus para abençoar seu povo e nos ensinar a ter compaixão como ele tem.

Rev. Augustus Nicodemus Lopes
Goiânia, novembro de 2017

INTRODUÇÃO

A relevância do livro de Jonas

Existem duas razões principais para estudar o livro de Jonas. A primeira é que ele revela muita coisa a respeito de Deus, uma vez que o grande protagonista do livro não é o profeta Jonas, mas, sim, Deus, que transparece em praticamente cada versículo, agindo, interagindo, sendo paciente, perguntando, respondendo, observando e assim por diante.

Sei que estamos acostumados (desde as aulas no departamento infantil das igrejas) a estudar Jonas, e o foco desse estudo sempre foi o profeta fujão e desobediente que se esquivou para longe do que Deus havia mandado. Jonas é sempre a grande estrela da história — pelo menos é assim que geralmente ouvimos e aprendemos.

A verdade, no entanto, é que esse livro é sobre Deus, seu domínio sobre todas as coisas e sua misericórdia para com as pessoas. Creio que essa mensagem a respeito do amor e da compaixão que Deus tem pela humanidade — mesmo por pessoas das quais não gostamos e que chegam a nos causar raiva quando se convertem — é algo a que precisamos dar ouvidos. Assim, acredito que a mensagem contida em Jonas é importante para que nós, em dias difíceis como os que estamos vivendo, nos lembremos de quem é o Deus a quem servimos.

A segunda razão para estudar o livro de Jonas é o fato de ter sido citado duas vezes por Jesus. Isso não o coloca em vantagem, pois Jesus cita muitos outros livros do Antigo Testamento; contudo, em particular, Jesus se refere à história de Jonas e ao fato marcante de o profeta ter passado três dias e três noites dentro do peixe como um tipo ou figura de seu ministério, bem como de sua própria morte e sepultamento. Em Mateus 12.39-41, Jesus faz três referências ao livro de Jonas. Vejamos o que Cristo diz:

... Uma geração má e adúltera pede um milagre; mas nenhum milagre lhes será dado, senão o do profeta Jonas; pois, assim como Jonas esteve três dias e três noites no ventre do grande peixe, assim o Filho do homem estará três dias e três noites no coração da terra. Os habitantes de Nínive se levantarão no juízo contra esta geração e a condenarão, pois se arrependeram com a pregação de Jonas. E aqui está quem é maior que Jonas.

Vemos então que Jesus chama a atenção para três aspectos do livro de Jonas: a figura do profeta, o tempo que ele passou dentro do peixe e o resultado de sua pregação, isto é, o arrependimento dos ninivitas. Esses três fatos são citados por Jesus, que os utiliza para dizer quem ele próprio é: alguém maior que Jonas, que morre pelos nossos pecados e espera que, no dia do juízo, essa mensagem tenha sido ouvida e tenha levado as pessoas ao arrependimento. Tudo isso me leva à conclusão de que estudar esse livro é muito importante para nós, cristãos do século 21.

Características, particularidades e circunstâncias históricas

Existem algumas particularidades no livro de Jonas que chamam a atenção. Ele está inserido entre os profetas, mas os demais livros proféticos não se assemelham muito a ele, pois apresentam um estilo bem diferente do de Jonas. Este se parece mais com uma história, na verdade. De longa data se questiona a real natureza desse livro. Muitos acham que se trata apenas de uma parábola e que os acontecimentos nele descritos não ocorreram de verdade. Para essas pessoas, a narrativa de Jonas não é nada além de uma invenção de algum poeta hebreu que desejava expor uma lição a respeito do Deus de Israel, querendo dizer que ele é Deus das outras nações também, e não somente da nação israelita.

A verdade é que, desde cedo, muitos ridicularizaram os cristãos por acreditarem nesse texto. Dois escritores pagãos, Porfírio e Juliano, já no primeiro século zombavam dos cristãos por acreditarem nas histórias de um peixe que engolia um homem e de uma árvore que crescia e em seguida secava após ser mordida por uma lagarta.

Outros chegam a dizer que o relato de Jonas foi inventado a partir de outras histórias e lendas. Por exemplo, nos escritos de Homero, poeta grego que viveu muitos anos antes de Cristo, há uma história em que o famoso Hércules passa três dias no ventre de um monstro marinho para salvar sua amada, Alcione. Há também a história de Perseu, que liberta Andrômeda, a qual havia sido aprisionada por um monstro marinho. De acordo com

algumas pessoas, então, o conteúdo de Jonas seria uma história criada a partir de lendas mais antigas.

Há também alguns estudiosos que se dizem cristãos e defendem que o livro consiste realmente em uma parábola, pois os milagres nele relatados — um homem sendo engolido inteiro por um peixe e uma cidade inteira sendo convertida pela mensagem desse homem — não seriam passíveis de acontecer. Outro argumento usado para fundamentar essa tese é o de que o capítulo 2 foi escrito em um formato diferente dos demais, quase como uma poesia.

Para mim, no entanto (e para muitos outros, é claro), Jonas é um livro histórico. O problema dessa teoria, a qual defende que nada do que está no livro realmente aconteceu, não diz respeito aos fatos em si, mas, sim, ao próprio Deus, porque, se ele existe, tudo o que o livro descreve é possível. Se o Deus que a Bíblia apresenta desde o começo é o ser todo-poderoso que diz “Haja luz”, e a luz, de fato, passa a existir, por que ele não poderia fazer até mesmo um lambari engolir um homem? O problema então é com o conceito que se tem de Deus, pois, se você crê no Deus da Bíblia, nada é impossível; ele é o Deus poderoso que fez surgir do nada tudo o que existe. Ele faz o que lhe agrada, pois é onipotente.

E mais. Qual é o inconveniente de Jonas fazer sua oração em forma de poesia? Ele era judeu, profeta e frequentava o Templo em Jerusalém, onde ouvia os salmos, que eram justamente orações em forma poética. Se Jonas cresceu ouvindo salmos, qual seria a linguagem mais natural para que escrevesse uma oração? Um salmo! Essa é a definição do capítulo 2; é a linguagem do coração de Jonas, aprendida desde pequeno no templo.

E quanto à questão dos mitos pagãos? Em primeiro lugar, esses mitos são em grande parte baseados nos escritos de poetas gregos, como Homero, os quais não temos como ter certeza de que realmente existiram; nem mesmo podemos afirmar categoricamente que as obras atribuídas a eles são, de fato, autênticas. Em muitos casos, só temos conhecimento de determinado escritor grego antigo porque um segundo ou terceiro escritor que viveu muito tempo depois preservou fragmentos de sua obra.

O livro de Jonas, em contraste, é encontrado em cópias manuscritas em pergaminhos completos e em fragmentos, e alguns desses datam da época de Cristo ou mesmo de antes. Quando ocorreu a descoberta dos Manuscritos do Mar Morto, em Qumran, uma cópia completa do livro foi encontrada em um rolo fragmentado dos Profetas Menores, datando do segundo século antes de Cristo.

Em segundo lugar, é mais factível que a antiga história hebraica de um profeta engolido por um peixe tenha sido corrompida e dado origem às histórias fantásticas encontradas em escritos gregos, considerando a antiguidade dos manuscritos hebraicos — estima-se que o profeta Jonas tenha vivido por volta de 800 a.C.

Para nós, no entanto, o elemento mais importante é que Jesus Cristo considerou esse livro histórico. Cristo diz que: "... assim como Jonas esteve três dias e três noites no ventre do grande peixe, assim o Filho do homem estará três dias e três noites no coração da terra" (Mt 12.40), e também se refere a si próprio como alguém "... maior que Jonas" (Mt 12.41; Lc 11.32). Se a história de Jonas é um mito, a comparação que Jesus faz fica sem sentido.

Qual é o propósito de dizer isso se Jonas não existiu? Um pouco antes, Jesus já havia afirmado que “os habitantes de Nínive se levantarão no juízo contra esta geração e a condenarão, pois se arrependeram...” (Mt 12.41). Se o livro de Jonas é um mito, o argumento de Jesus não tem o menor cabimento. Para mim, então, faz, sim, diferença se o livro de Jonas é histórico ou não, e não existe nenhuma dificuldade em recebê-lo como o registro de acontecimentos.

A próxima pergunta, então, seria: “Quem é, afinal, esse Jonas sobre quem o livro fala?”. Não sabemos muita coisa a respeito desse profeta. De acordo com 2Reis 14.25, Jonas era filho de Amitai, da tribo de Zebulom, onde ficava a cidade de Gate-Héfer, sua cidade natal, no Reino do Norte. Essa passagem também deixa transparecer que Jonas era um profeta conhecido em Israel.

Ele viveu durante o reinado de Jeroboão II e é um dos profetas mais antigos, nascido logo depois de Eliseu e próximo a Amós e Oseias, em uma época em que Israel vivia uma prosperidade internacional. A nação havia se libertado recentemente da Síria e estava desfrutando de um período de estabilidade. E essa libertação havia sido profetizada por Jonas. Portanto, há registro de que ele era um profeta conhecido em Israel.

Jonas foi o único profeta do Antigo Testamento a ser enviado por Deus para pregar a outro povo; todos os outros foram enviados a pregar na própria nação de Israel. É curioso que o nome de Israel não apareça nenhuma vez no livro de Jonas. A referência mais próxima ocorre quando Jonas diz que é hebreu (1.9), mas não há menção direta à nação israelita.

INTRODUÇÃO

Foi esse homem que Deus enviou à nação mais poderosa da época com uma mensagem de condenação. A mensagem trazia em si a possibilidade de arrependimento da parte dos assírios, o que acarretaria o perdão da parte do Senhor dos Exércitos. Nas páginas a seguir, vamos conhecer em detalhes os acontecimentos extraordinários de um dos maiores avivamentos espirituais ocorridos na história humana, cujo protagonista foi um pregador que tinha tudo para dar errado. A lição é clara: ao Senhor pertence a salvação! (Jn 2.9)

CAPÍTULO 1

UM PREGADOR IMPROVÁVEL

Jonas 1—4

Jonas era um homem temente a Deus. Ele reconheceu seu pecado diante dos marinheiros quando estes descobriram que era dele a culpa pela tempestade que colocava em risco a vida de todos os que estavam a bordo; ele declarou aos marinheiros que acreditava que Deus era o criador dos céus e da terra; ele orou a Deus de dentro do ventre do peixe; e, depois que lhe foi dada uma segunda chance, ele obedeceu e pregou a palavra de Deus em Nínive.

Jonas era crente e temente a Deus, mas travava uma luta interna com sua raiva pelos ninivitas. Podemos tentar entender o porquê de sua raiva: Nínive era a cidade mais importante da Assíria, um império internacional que estava se levantando e que era conhecido por sua violência militar.

Quando eu era menino, meu pai comprou para mim uma coleção de livros chamada *Tesouro da juventude*, cujos

volumes abordavam temas como artes, história, geografia, matemática etc.; tratava-se de uma enciclopédia juvenil. Havia uma imagem no volume de história antiga que ficou gravada na minha memória: um guerreiro assírio com o pé no pescoço de um soldado vencido no campo de batalha, avançando para arrancar com a mão a língua desse inimigo derrotado.

Aquele era um exército cruel, que não fazia reféns e que já havia feito incursões no Reino do Norte, Israel, de onde Jonas era proveniente. Como todos os judeus, provavelmente Jonas odiava os assírios, e em especial os ninivitas, que eram os moradores da cidade. De repente, então, Deus diz a Jonas: “Vá pregar lá em Nínive, na Assíria!”. A mais provável reação de Jonas foi: “Deus, tudo menos isso. O Senhor pode pedir o que quiser, mas ir pregar na Assíria aos ninivitas?!”.

Assim, percebemos que há no livro uma luta entre os sentimentos de um homem que teme a Deus e sabe que ele é real, mas que também odeia seus inimigos. Em seu íntimo, ele entendia que não era justo Deus perdoar os ninivitas. Pela ótica de Jonas, Deus poderia perdoar qualquer um, mas não um assírio. “Esse povo é mau! Eles mataram muita gente! E eu sei que, como o Senhor é bom, perdoará todos eles por meio da minha pregação. Logo eu para pregar para os assírios?!”.

Jonas lutava com seu senso de justiça que lhe dizia que os assírios tinham de pagar pelos seus pecados. Entretanto, esse senso de justiça não é privilégio de Jonas. Às vezes esse mesmo sentimento está em nosso coração, não é mesmo? Você até fica com raiva quando determinadas pessoas se convertem: “Poxa, aquele cara fez de tudo;